

“OS PETRÓGLIFOS DE CERRO ALEGRE, SANTA CRUZ DO SUL, RS, BRASIL — Nota Prévia”

Pedro Augusto Mentz Ribeiro

Bolsista do Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq), Rio de Janeiro, cf. TC 8114/68 — Coordenador do Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Santa Cruz do Sul, RS Trabalho realizado com Auxílio n.º 136/72 da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS), de Porto Alegre.

RESUMO

Os petróglifos estão situados no município de Santa Cruz do Sul, distrito de Cerro Alegre, entre os 29°30' e os 30° de latitude sul e os 52° e 52°30' de longitude oeste de Greenwich. A região fisiográfica denomina-se Encosta Inferior do Nordeste. É uma faixa intermediária entre a serra e a mata, ao norte e a planície e o campo, ao sul. Os petróglifos estão na face superior e plana de um pequeno bloco de arenito de 2,84 m de comprimento, 1,43 m de largura e 0,6 m de espessura (fora da terra). A técnica de confecção dos sulcos é o alisamento. O símbolo característico é um traço ao qual estão unidos traços menores, paralelos entre si, oblíquos ao maior, alguns convergentes dois a dois (“árvore” ou “espinha de peixe”). Destacamos, ainda, um círculo com uma série de raios com a parte central formando outro pequeno círculo e um trapézio isósceles em cujo interior existem linhas oblíquas e paralelas entre si que se entrecruzam formando um “trançado”. As dimensões dos símbolos são variadas; a largura varia entre 2 e 8 mm e a profundidade entre 1 e 10 mm. Atribuímos a confecção dos petróglifos a um grupo de caçadores com pontas-de-projétil (fase Itapuí) que parece ter migrado do sul (Patagônia Argentina?) há 6000 anos antes do presente, aproximadamente.

## SUMMARY

The petroglyphs are located in the Município of Santa Cruz do Sul, District of Cerro Alegre, between 29°30' and 30° south latitude and between 52° and 52°30' west longitude. Physiographically, the region is part of the northeastern lower slope. The vegetation is intermediate between the forested mountains to the north and the grassy plains of the south. The petroglyphs are on the flat upper surface of a small block of sandstone 2.84 meters long, 1.43 meters wide, and 0.6 meters thick (above the surface of the ground). The grooves were made by abrasion. The typical symbol is a "tree" or "fish backbone" formed by a central line from both sides of which issue shorter, slanting, parallel lines. Other elements include a ring with a series of "rays" that do not meet at the center, leaving a small open circle, and an isocetes trapezium filled with oblique cross-hatch. The figures vary in size; the grooves range from 2 to 8 mm in width and 1 to 10 mm in depth. The petroglyphs may have been carved by a group of hunters who possessed stone projectile points (Itapuí Phase) and who seem to have come from the south (Patagonia Argentina?).

## HISTÓRICO DA PESQUISA

Em maio de 1973, chegou às nossas mãos um rascunho em desenho de prováveis petróglifos. Foi informante o Sr. Antenor Silva por intermédio do General Augusto Luiz de Faria Corrêa, ambos residentes em Santa Cruz do Sul. Acompanhados pelo primeiro, dirigimo-nos, a 16 de junho do mesmo ano, em nossa condução, ao distrito de Cerro Alegre, município de Santa Cruz do Sul. Fomos primeiramente à residência do Sr. José Pedro Kessler, único morador da região que, além de ser o autor do rascunho do desenho acima citado, conhecia o local onde se encontravam os petróglifos. Seguimos, então, juntamente com o Sr. José Pedro e seu filho Geraldo Hilário, até a propriedade do Sr. Alfredo Lopes. Este também acompanhou-nos e ainda colaborou nos trabalhos

realizados que tiveram 2 horas e 30 minutos de duração. É interessante registrar que o Sr. Alfredo, proprietário do local do sítio arqueológico distante poucos metros de sua casa, o desconhecia.

### MATERIAL E MÉTODOS

Os trabalhos foram realizados na seguinte ordem, todos no mesmo dia da descoberta dos petróglifos: limpeza da pedra (coberta com uma camada de 2 a 3 mm de limo em toda sua extensão) usando pincel e galhos de árvores, macios, previamente arredondados a fim de não danificar os símbolos; medição dos petróglifos, um a um (comprimento, largura e profundidade); estudo da forma e técnica de confecção dos sulcos; marcação dos petróglifos com giz para obtenção de melhores resultados fotográficos e exatidão nas cópias (dentro do mato não oferece condições de luminosidade); limpeza dos arredores da pedra (arbustos); cópia em decalque, utilizando papel de seda encerado e pincel atômico. Complementando os trabalhos, realizamos medições da pedra, colhemos fotografias da sequência dos trabalhos em preto e branco e diapositivos coloridos, registro em Diário de Campo e preenchimento de ficha cadastral (HEIZER & GRAHAM, 1968).

### DESCRIÇÃO DA REGIÃO

A região a que pertence o sítio é a Encosta Inferior do Nordeste, nos 29°46' de latitude sul e 52°19' de longitude oeste de Greenwich (Figura 1). Está situado entre as cotas de 100 e 200 m acima do nível do mar. O clima é da variedade "Cfa" subtropical ou "virginiano", conforme KOEPPEN (MORENO, 1961); as temperaturas médias anuais estão entre 19 e 19,3 graus C (as temperaturas oscilam entre os 0 e 10 graus C); as geadas ocorrem nos meses de julho e agosto, em geral. A média de precipitação pluviométrica oscila entre os 1500 e 1600 mm. Não se tem registro de ocorrência de neve no local dos petróglifos (ENCICLOPÉDIA DOS MUNICÍPIOS BRASILEIROS, 1950).

Encontramos dois tipos de vegetação na área: onde se encontram os petróglifos, ao norte e 5 km ou menos, para o sul, a floresta ou mata latifoliada tropical (taquara fina, figueira, angico, palmito, etc.) (RAMBO, 1956); ao sul, os campos.

Hidrograficamente o sítio pertence à bacia do rio Jacuí. Quanto ao relevo localiza-se nos primeiros degraus da Serra Geral (Planalto Meridional) formado por pequenas elevações de pouco mais de 200 m acima do nível do mar e pouco menos de 200 m em relação ao nível da planície dos arredores. Conforme RAMBO (1956), são morros de arenito Botucatu encimados de meláfiro; conforme PINTO (1966) é uma faixa intermediária entre o arenito Botucatu (onde se encontram os petróglifos) e o de formação Santa Maria.

Historicamente a região encontra-se também numa faixa intermediária. Ao sul, zona de campo, a colonização foi realizada pelos portugueses já no século XVIII (Rio Pardo, menos de 20 km em linha reta, Cachoeira do Sul, Santo Amaro, Taquari, Encruzilhada do Sul e outras). Ao norte, zona da mata, colonizaram-na os imigrantes alemães, a partir do século XIX (Santa Cruz do Sul, aproximadamente 5 km em linha reta, Vera Cruz, Candelária). O distrito de Cerro Alegre e suas redondezas possuem tanto descendentes de uma daquelas correntes imigratórias como de outra. Veja-se, por exemplo, o sobrenome do informante — Kessler — e do proprietário das terras onde se encontra o sítio arqueológico — Lopes. Observamos que em tal área seria muito interessante uma pesquisa de cunho antropológico (problemas de aculturação). O minifúndio é uma característica da zona de colonização alemã e de onde se encontram os petróglifos; o cultivo do fumo, milho, soja, cana-de-açúcar, mandioca e horticultura são as mais intensivas além de algumas áreas reservadas para a criação do gado bovino leiteiro e de suínos.

## DESCRIÇÃO DO SÍTIO

Para alcançarmos o sítio, seguimos pela estrada asfaltada que liga Santa Cruz do Sul a Rio Pardo (RS-7); depois de 5,5 km, aproximadamente, a deixamos tomando, à esquerda, a antiga estrada entre aquelas duas cidades, por mais 2,5 km. Ai existe uma entrada à esquerda onde, de um lado existe uma venda (armazém) e do outro, um cemitério. Segue-se por este caminho 6 a 7 km procurando acompanhar os morros (devido a uma série de entroncamentos aconselha-se a pedir informações). Antes de um armazém, já no povoado de Cerro Alegre, toma-se um caminho à esquerda em direção aos morros; depois de 2 km, já na parte alta, está localizada a casa do Sr. Alfredo Lopes, à direita e a uns 250 m do caminho. Junto a casa do Sr. Lopes (na ocasião este Senhor trabalhava na construção de uma nova residência poucos metros ao norte da atual), ao leste, existe um poteiro em declive para o sul (Figura 3); no fim do mesmo e em sua parte central, uma cerca o delimita com a mata (natural); dentro da mata, distando 4 m da cerca, existe um bloco de arenito em cuja face superior estão os petróglifos. Da residência do Sr. Lopes até o sítio são 100 m, aproximadamente.

O bloco encontra-se no início de um forte declive, 20 m abaixo do nível da casa do proprietário e está na posição nordeste-sudoeste; possui 2,84 m de comprimento, 1,43 m de largura no setor nordeste e 1 m no sudoeste e 0,6 m de espessura (fora da terra); é levemente inclinado para o sudoeste e sua superfície é mais ou menos plana. Uma camada de 2 a 3 mm de limo cobria a parte superior do bloco onde se encontravam os petróglifos. A superfície da área decorada é, praticamente, toda a parte superior da pedra; não encontramos sinais nas partes laterais.

A técnica de confecção dos petróglifos é o alisamento produzindo sulcos em "U", alguns menos profundos. O tamanho dos símbolos é variável; a largura varia entre 2 e 8 mm e a profundidade entre 1 e 10 mm (a média entre estas medi-

das é a mais frequente ou seja, 5 mm para a largura e profundidade). O símbolo característico é um traço ao qual estão unidos traços menores, paralelos entre si, oblíquos ao maior, alguns convergentes dois a dois (“árvore” ou “espinha de peixe”). Destacamos, ainda, um círculo com uma série de raios e com a parte central livre formando outro pequeno círculo; trapézio isósceles em cujo interior existem linhas oblíquas e paralelas entre si que se entrecruzam formando um “trançado”; tridáctilos; traço com outros menores que o cortam ou que apenas o atingem; letras “V”; traços isolados (Figuras 2 e 4). Existem sobreposições com as mesmas características dos primitivos. Algumas parte da pedra foram destruídas naturalmente (erosão) e outras por vandalismo.

### COMPARAÇÕES

Os petróglifos de Cerro Alegre, conforme nosso último trabalho (MENTZ RIBEIRO et alli, 1973) onde criamos dois estilos de petróglifos para os até então conhecidos no Rio Grande do Sul, colocaríamos junto ao I “A” (Moquém, Macaco Branco, Cerro dos Bois, Linha Araçá II, Arroio Grande e Dona Josefa). Neste estilo estão os de Ribeirão, São Pedro do Sul (MATTOS, 1930), parcialmente os do Virador (MENTZ RIBEIRO, 1969-70), Morro do Sobrado (MENTZ RIBEIRO, 1972 a), Bom Jardim Velho (MENTZ RIBEIRO, 1972 b), Toca Grande (MILLER, 1971) e parcialmente os de Canhemboará, Nova Palma, estudados pelo Prof. José P. Brochado (informação verbal).

Para o norte do país registramos apenas os tridáctilos no Estado do Rio Grande do Norte, em Olho d’Água do Milho (CABRAL & NASSER, 1964).

Ao sul é que vamos encontrar petróglifos que colocaríamos no mesmo estilo. Na República Argentina, em Chocón Chico, Província de Neuquén (SCHOBINGER, 1962-63) estão os mais semelhantes; ainda os do Lago Viedma, Província de Chubut, Estância San Miguel, Província de Santa

Cruz e Laguna Blanca, Província de Catamarca (MENGHIN, 1957) onde encontramos tridáctilos, letras "V", paralelas cortadas por transversais, traço ao qual estão unidos traços menores, paralelos entre si, oblíquos ao maior, círculo com raios, etc. Anibal Mattos faz uma citação com referência aos petróglifos de Ribeirão, São Pedro do Sul, RS: "Vários sinais desse petróglifo são iguais a alguns que se encontram na conhecida "Casa de pedra Gingim, na serra Chapelió, ao NE de San Martin de los Andes..."

De todos os sítios comparados, Cerro Alegre mais se aproxima dos petróglifos do Morro do Sobrado, Montenegro, RS, e Chocon Chico, Província de Neuquén pela semelhança e tamanho dos símbolos e, ainda, em razão da preferência por blocos no solo.

### CONCLUSÕES

Em nosso último trabalho (MENTZ RIBEIRO et alii, 1973) atribuímos o estilo I "A" a um grupo de caçadores-coletores com pontas-de-projétil oriundos, provavelmente, da Patagônia Argentina. Como os petróglifos de Cerro Alegre incluímos neste estilo, consequentemente ao mesmo grupo imputamos sua confecção. As razões da criação de um estilo são devido as semelhanças dos símbolos e características de confecção (tamanho, técnica). Por supormos que sua origem tenha sido a Patagônia Argentina são estes os motivos: para o norte este estilo é desconhecido (existe um ou outro símbolo, isolado, que se assemelha porém, por sua simplicidade, aparecem em quase todo o mundo); para o sul é abundante; em abrigos-sob-rocha, onde existe o estilo, foram realizadas prospecções e escavações e em todos está presente a fase Itapuí (caçadores-coletores com pontas-de-projétil) (MILLER, 1971; MENTZ RIBEIRO, 1970 ms, 1972 b, 1973); estudos realizados na República Argentina atribuem a grupo de caçadores (Teulchense) este estilo de "pisadas" (MENGHIN, 1957); a fase Itapuí encontra maiores semelhanças com o material proveniente da Patagônia Argentina (Período IV da sequência

do estreito de Magalhães) (BIRD, 1938, 1946; EMPERAIRE, LAMING & REICHLEN, 1954) e vale médio do rio Negro, República Oriental do Uruguai. Como a Tradição Tupi-guarani tem uma migração desde o norte e, ainda, se fosse tradicional confeccionada de petróglifos, teríamos uma quantidade apreciável deste tipo de sítios no Rio Grande do Sul, a eliminamos como sua autora. Também não atribuímos à Tradição Taquara e ao Complexo Altoaranaense porque pesquisas realizadas no nordeste, norte e oeste do Rio Grande do Sul, oeste de Santa Catarina e Paraná, Província de Misiones (República Argentina), não revelaram petróglifos do estilo I "A"; tanto a Tradição Taquara bem como o Complexo Altoaranaense não apresentam área de dispersão ao sul da faixa onde encontramos petróglifos em nosso Estado (encosta da Serra Geral, faixa dos 29 e 30° de latitude sul).

No abrigo de Bom Jardim Velho (MENTZ RIBEIRO, 1072 b) conseguimos a datação de 5655 mais ou menos 140 anos (SI-1199) para a camada I (fase Itapuí) e 745 mais ou menos 115 anos (SI-1198) para a camada II, ceramista (fase Cai, Tradição Taquara). Para a fase Itapuí é a datação mais antiga no Estado até o presente. Portanto teríamos uma migração desde a Patagônia Argentina há mais ou menos 6.000 anos atrás.

Concluimos, então, que os petróglifos de Cerro Alegre foram confeccionados por um grupo de caçadores-coletores (fase Itapuí), migrado desde o sul (Patagonia Argentina — Teulchense I de MENGHIN?) a partir de 6.000 anos antes do presente. A datação dos petróglifos estaria, aproximadamente, entre os 5.800 e 630 anos antes do presente.

### AGRADECIMENTOS

À minha família um agradecimento especial pela compreensão ao trabalho que estamos realizando. Ao Gal. Auguste Luiz de Faria Corrêa e Sr. Antenor Silva pela colaboração espontânea que nos vem emprestando. Aos Senhores José Pedro



Kessler, seu filho Geraldo e ao proprietário das terras onde se encontram os petróglifos, Sr. Alfredo Lopes, pela colaboração no trabalho de campo. Aos Drs. Clifford Evans e Betty Meggers pelo resumo em língua inglesa e ao Prof. Ilgo Welp pela revisão do português desta publicação.

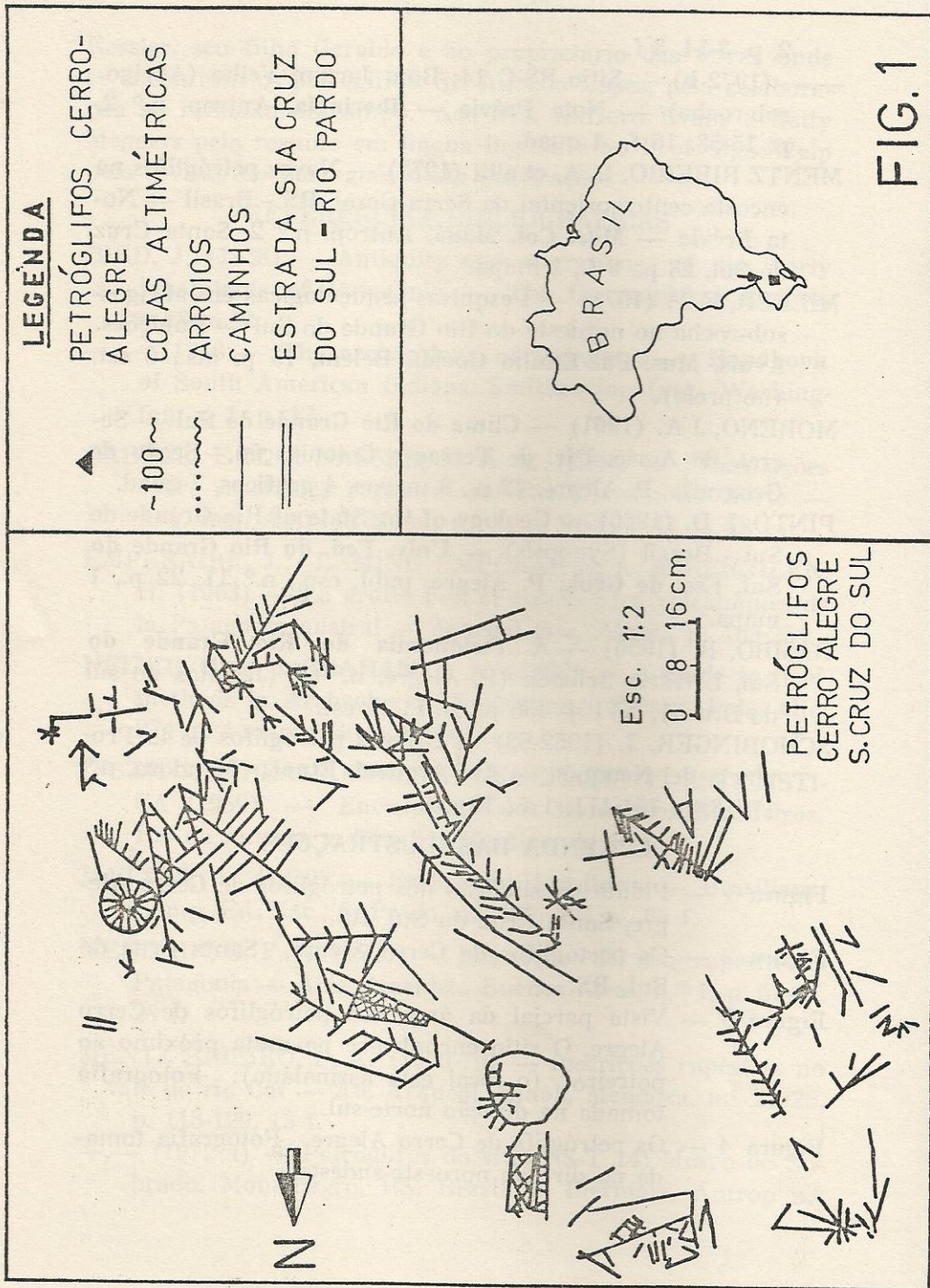
#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BIRD, J. (1938) — Antiquity and migrations of the early inhabitants of Patagonia — *The Geographical Review*, v 28, n. 2.
- , — (1946 — The archaeology of Patagonia — *Handbook of South American Indians*, Smithsonian Inst., Washington, v. 1, p. 17.
- CABRAL, E M. & NASSER, N. A. S. (1964) — Informações sobre inscrições rupestres no Rio Grande do Norte — *Arq. Inst. Antrop.*, Natal, n.º 1, p. 91-114, 11 f., 18 est.
- EMPERAIRE, J.; LAMING EMPERAIRE, A. & REICHLEN, H. (1963) — La grotte Fell et autres sites volcaniques de la Patagonia austral — *Journal Soc. Amer.*, p. 169-254.
- HEIZER, R. F. & GRAHAM, J. A. (1968) — A guide to field methods in Archeology, The National Press, Palo Alto, 274 p., 4 mapas, 30 f., 8 ets.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (1959) — *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*, Rio de Janeiro, v. 33 e 34 (Rio Grande do Sul).
- MATTOS, A. (1939) — Pré-história brasileira — *Brasiliانا*, Comp. Ed. Nac., S. Paulo, n.º 137, 324 p., 65 f.
- MENGHIN, O. F. A. (1957) — Los estilos del arte rupestre de Patagonia — *Acta Praehist.*, Buenos Aires, n.º 1, p. 57-87, 28 f.
- MENTZ RIBEIRO, P. A. (1969-70) — Inscrições rupestres no vale do rio Cai — *An. Arqueol. Etnol.*, Mendoza, n.º 24/25, p. 113-129, 13 f.
- , — (1972 a) — Petróglifos do sítio RS-T 14: Morro do Sobrado, Montenegro, RS, Brasil — *Iheringia, Antrop* n.º

- 2, p. 3-14, 3 f.
- , — (1972 b) — Sítio RS-C 14: Bom Jardim Velho (Abrigos-sob-rocha) — Nota Prévia — *Iheringia*, Antrop. n.º 2, p. 15-58, 16 f., 4 quad.
- MENTZ RIBEIRO, P. A. et alii (1973) — Novos petróglifos na encosta centro-oriental da Serra Geral, RS - Brasil — Nota Prévia — *Mus. Col. Mauá*, Antrop. n.º 2, Santa Cruz do Sul, 28 p., 9 f., 1 mapa.
- MILLER, E. T. (1971) — Pesquisas arqueológicas em abrigos-sob-rocha no nordeste do Rio Grande do Sul — *Publicações. Avuls. Mus. Pa. Emílio Goeldi*, Belém, 15 p. ms., 6 est. (no prelo).
- MORENO, J. A. (1961) — *Clima do Rio Grande do Sul* — Secret. da Agric. Dir. de Terras e Colonização, Seção de Geografia, P. Alegre, 42 p., 8 mapas, 4 gráficos, 7 quad.
- PINTO, I. D. (1966) — *Geology of the State of Rio Grande do Sul - Brazil (Synopsis)* — Univ. Fed. do Rio Grande do Sul, Esc. de Geol., P. Alegre, publ. esp., n.º 11, 22 p., 1 mapa.
- RAMBO, B. (1956) — *A Fisionomia do Rio Grande do Sul*, Livraria Selbach (P. Alegre, n.º 6 (Jesuítas no sul do Brasil), XVI + 456 p., 28 f., 15 est.
- SCHOBINGER, J. (1962-63) — Nuevos petroglifos de la Provincia del Neuquén — *An. Arqueol. Etnol.*, Mendoza, n.º 17/18, p. 151-171, 1 f., 18 est.

#### LEGENDA DAS ILUSTRAÇÕES

- Figura 1 — Planta da situação dos petróglifos de Cerro Alegre, Santa Cruz do Sul, RS.
- Figura 2 — Os petróglifos de Cerro Alegre, Santa Cruz do Sul, RS.
- Figura 3 — Vista parcial da área dos petróglifos de Cerro Alegre. O sítio encontra-se na mata próximo ao poteiro (o local está assinalado). Fotografia tomada na direção norte-sul.
- Figura 4 — Os petróglifos de Cerro Alegre. Fotografia tomada na direção noroeste-sudeste.



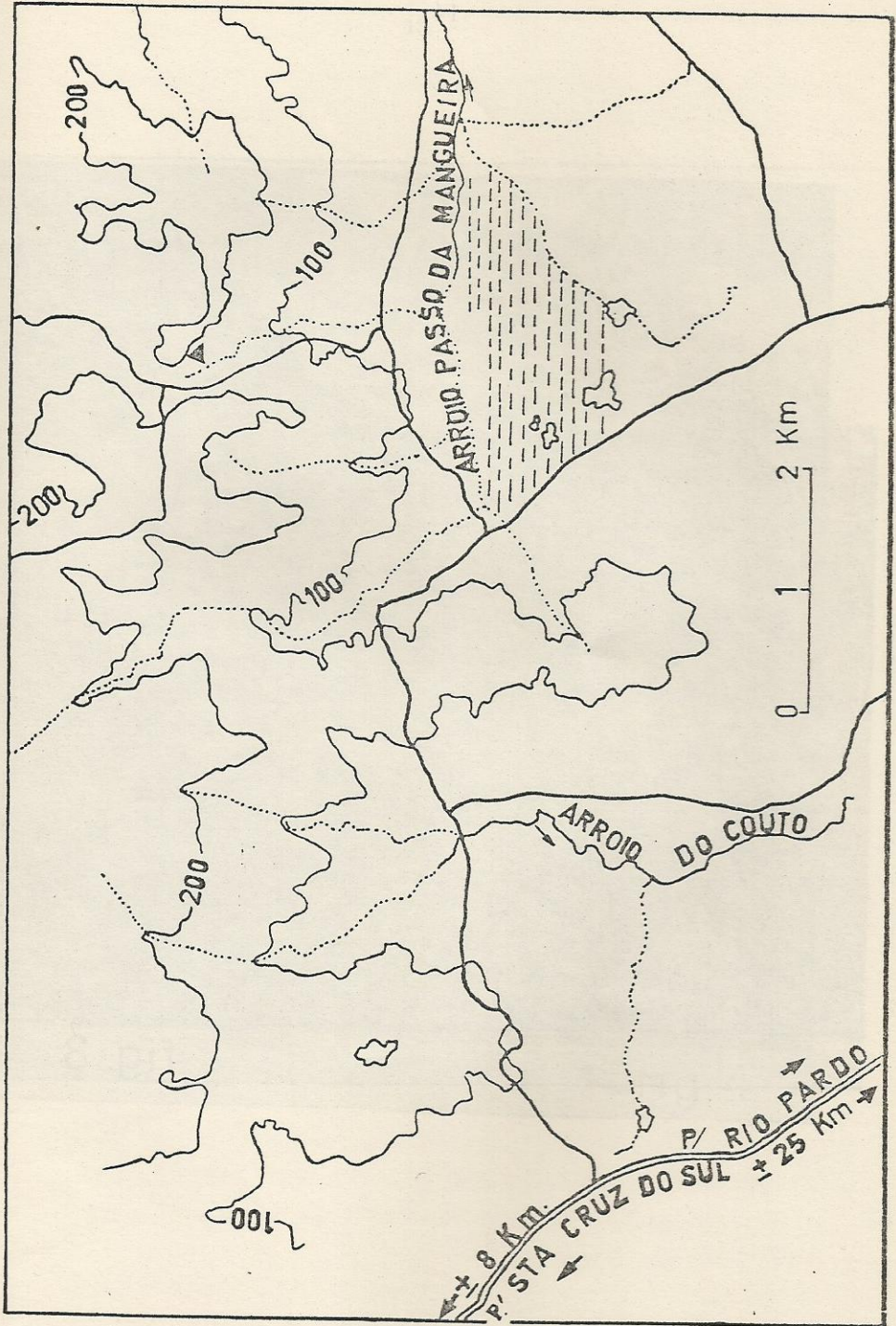


FIG. 2



fig. 3

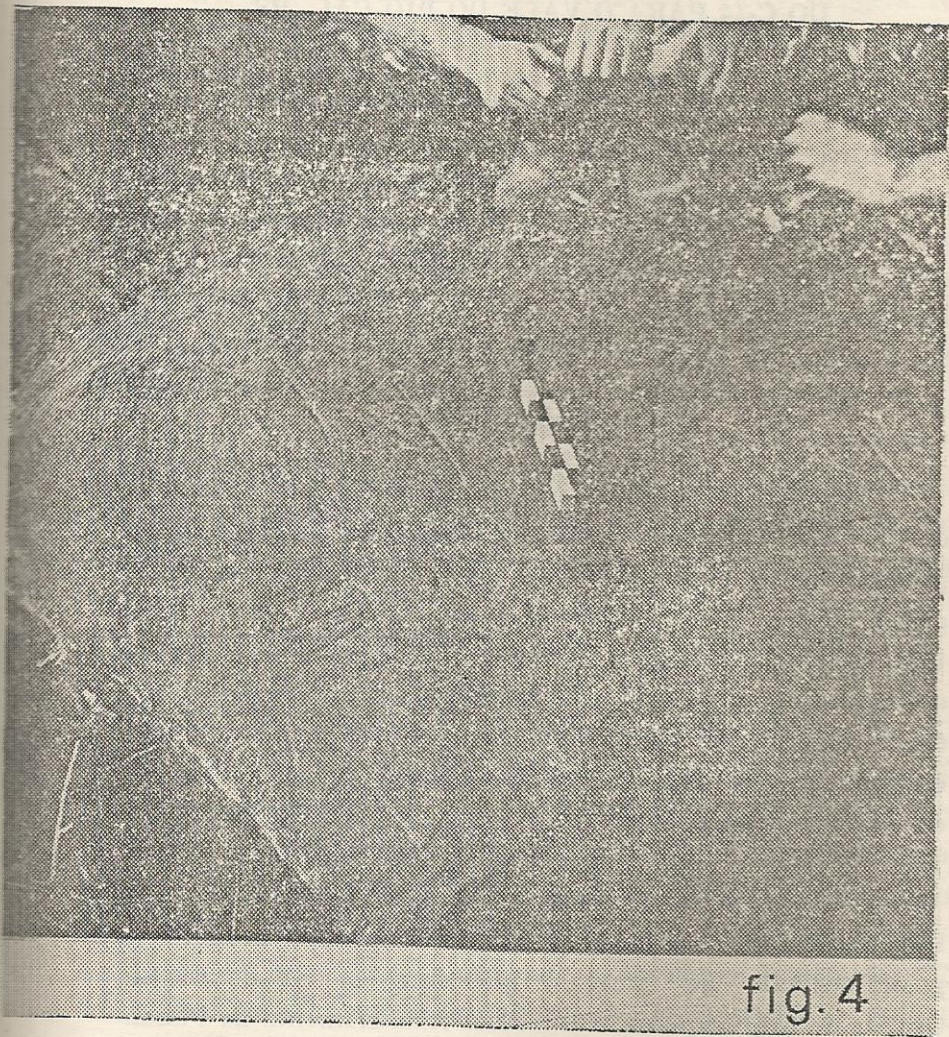


fig. 4